

## GONZAGA RODRIGUES E A CRÔNICA: HIBRIDISMOS ENTRE LITERATURA, JORNALISMO E HISTÓRIA.

*GONZAGA RODRIGUES AND THE CHRONICLE:  
HYBRIDISMS BETWEEN LITERATURE, JOURNALISM AND HISTORY.*

*GONZAGA RODRIGUES ET LA CHRONIQUE :  
HYBRIDES ENTRE LITTÉRATURE, JOURNALISME ET HISTOIRE.*

**Elisa Damante Ângelo e Silva**

Universidade Federal da Paraíba

**SUMÁRIO:** 1. A crônica e seus significados. 2. Literatura, imprensa e o jornal brasileiro. 3. História e Memória. 4. O cronista. 5. Um gênio. 6. Preservar 7. Considerações Finais. 8. Referências bibliográficas.

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo principal analisar o aspecto documental das crônicas do jornalista paraibano Gonzaga Rodrigues, sobre a cidade de João Pessoa, investigando, através dos textos presentes no livro *Notas do meu lugar* (1978), a construção da memória histórica e coletiva e do imaginário da capital, utilizando para essa elaboração, uma análise comparativa com textos de outros gêneros, como artigo e notícias de jornal da época, que tratam da evolução e mudanças na cidade de João Pessoa, contextualizando e situando as crônicas no tempo e no espaço. Para a realização do trabalho, foi necessário também pesquisar a crônica enquanto um gênero híbrido, que permeia o jornalismo, a literatura e a história. A pesquisa foi guiada pelo olhar de autores como Melo (1985), Pereira (1994), Galvani (2008), Sá (1985) e Bender e Laurito (1993).

**Palavras-chave:** crônica; João Pessoa; Gonzaga Rodrigues

**Abstract:** The main objective of this work is to analyze the documentary aspect of the chronicles of the Paraibano journalist Gonzaga Rodrigues, on the city of João Pessoa, investigating, through the texts present in the book *Notas do meu Lugar* (1978), the construction of historical and collective memory and the imaginary of the capital, using for this elaboration, a comparative analysis with texts of other genres, such as article and newspaper news of the time, which deal with the evolution and changes in the city of João Pessoa, contextualizing and situating the chronicles in time and space. To accomplish the work, it was also necessary to research the chronicle as a hybrid genre, which permeates journalism, literature and history. The research was guided by the perspective of authors such as Melo (1985), Pereira (1994), Galvani (2008), Sá (1985) and Bender and Laurito (1993).

**Keywords:** chronicle; João Pessoa; Gonzaga Rodrigues

**Resumé:** L'objectif principal de ce travail est d'analyser l'aspect documentaire des chroniques du journaliste paraguayen Gonzaga Rodrigues, sur la ville de João Pessoa, en étudiant, à travers les textes présents dans le livre *Notas do meu Lugar* (1978), la construction de

la mémoire historique et collective et l’imaginaire de la capitale, en utilisant, pour cette élaboration, une analyse comparative avec des textes d’autres genres, tels que des articles et des nouvelles de journaux de l’époque, qui traitent de l’évolution et des changements dans la ville de João Pessoa, en contextualisant et en situant les chroniques dans le temps et dans l’espace. Pour mener à bien ce travail, il était également nécessaire d’étudier la chronique en tant que genre hybride, qui s’étend au journalisme, à la littérature et à l’histoire. La recherche a été guidée par la perspective d’auteurs tels que Melo (1985), Pereira (1994), Galvani (2008), Sá (1985) et Bender et Laurito (1993).

**Mot-sclés:** chronique ; João Pessoa ; Gonzaga Rodrigues

## 1. A crônica e seus significados

Ao analisarmos a palavra crônica dentro dos dicionários, encontramos a definição de que crônica é um substantivo feminino relacionado à narração histórica ou ao registro de fatos comuns e construídos em ordem cronológica. Também é possível entender a crônica como um texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal e que podem carregar um teor artístico, político, esportivo ou simplesmente relacionado à vida cotidiana. (AURÉLIO, 2010).

É possível perceber que, dentro de cada uma dessas concepções, há um intuito de eternizar, através do texto, momentos e circunstâncias. Esse é um dos motivos pelos quais a crônica também mantém uma estrita relação com a História. “[...] Seja um registro do passado, seja um flagrante do presente, a crônica é sempre um resgate do tempo.” (BENDER; LAURITO, 1993, p. 11)..

No entanto, a definição de crônica e as suas origens ainda está na pauta de discussão para os teóricos. Além de ser considerado um gênero híbrido que caminha pelo Jornalismo e pela Literatura, tangenciando a História, o termo crônica também é utilizado para definir diferentes tipos de texto, causando uma dubiedade no conceito do gênero.

Podemos exemplificar essa dificuldade de definição com o livro “*Crônica de uma morte anunciada*”, do escritor colombiano Gabriel Garcia Márquez. O romance tem um formato semelhante a uma reportagem, em que utiliza técnicas literárias para tratar dos fatos que envolvem a vida de Santiago Nasar, o protagonista do enredo. Tudo isso contado dentro de uma perspectiva cronológica. Ainda assim, ele leva em seu título a palavra crônica. Essa é uma menção importante que exemplifica a pluralidade de significados que o termo apresenta.

Aqui, abrimos um parêntese para falar sobre esse aspecto ligado a Literatura. O poder de informação não está apenas relacionado ao conhecimento *strictu sensu*, mas, no nosso caso, ao prazer. A crônica está dentro do espectro da literatura de fruição.

[...] a fruição literária constitui-se como um modo específico de experiência estética relacionada à literatura. A fruição literária caracteriza-se por seu caráter de gratuidade, não funcional, que implica afetos, imaginação, sentidos e, também, intelecto, não é, deste modo, um fenômeno apenas de ordem sensível, nem tampouco somente inteligível, posto que esta se constitui também como um

ato cognitivo complexo e contraposto às noções simplificadoras que a qualifica ato meramente sensorial, hedonista e esvaziado de sua complexidade. A fruição literária, por conseguinte, apresenta-se como uma experiência estética que ao mobilizar vários saberes envolve o sujeito em sua completude. Como processo dinâmico, reeduca o homem vinculando-o não apenas a arte, mas também a si mesmo. (RANKE; MAGALHÃES, 2011, p.49)

Ainda dentro da discussão sobre o gênero, é interessante perceber que a crônica é encarada, majoritariamente, como um gênero narrativo, porém, ao analisarmos de maneira mais profunda, podemos perceber também nuances descritivas e argumentativas.

## 2. Literatura, imprensa e o jornal brasileiro

O entendimento da crônica brasileira, fatalmente, passa pelos jornais impressos do Brasil do século XIX, e pela chegada da corte portuguesa ao país, no ano de 1808, oficializando o nascimento da imprensa no território brasileiro. Dessa forma, torna-se impossível falar de crônica sem falar dos periódicos impressos que serviram de berço para o gênero no país.

O estabelecimento dessa imprensa (é importante citar que, ao falarmos de imprensa, não necessariamente estamos falando de jornalismo, uma vez que as primeiras impressões da Gazeta do Rio de Janeiro ainda não estavam organizadas enquanto jornalismo) surge com a chegada da corte ao Brasil, em 1808, e acaba auxiliando na inserção de escritores brasileiros nas páginas dos jornais, com a introdução dos folhetins nos rodapés das páginas.

Na tentativa de fugir um pouco dos moldes europeus que imperavam à época, abre-se espaço para que os folhetins pudessem se transmutar no que conhecemos hoje como crônica brasileira. Foi a partir dessa abertura que o *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro* apresentou ao país nomes como José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto e outros (MELO, 1985). Há, inclusive, muitos teóricos que acreditam que a crônica seria um gênero tipicamente brasileiro,

No jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países. (MELO. 1985, p. 111)

Outros, no entanto, discordam, mas afirmam que ela não é, “mas, pela naturalidade com que se reproduz aqui, pareceria”. (GALVANI, 2008, p. 36). Essas discussões nos ajudam muito a perceber o grande caráter híbrido que esse gênero possui, uma vez que ele conversa com diversas áreas.

Embora ela tenha nascido nas páginas de jornal e por requerer do autor, o olhar clínico do jornalista para o cotidiano, a linguagem utilizada na crônica pode ser mais subjetiva. Além da linguagem carregada de poeticidade, a crônica pode ser encarada como um gênero literário por

essas pinceladas de ficção que alguns cronistas optam por adotar e, também, pela linguagem que permeia o eixo de seleção e o eixo de combinação propostos por Jakobson, ou seja, “mensagens caracterizadas por rimas, jogos de palavras, aliterações e outros processos de natureza estilística, que sugerem uma escolha mais cuidadosa das palavras”. (MARTELOTTA, 2011, p. 35).

[...] o escritor sabe que esse “acaso” não funciona na construção de um texto literário (e a crônica também é literatura), pois o artista que deseje cumprir sua função primordial de antena do seu povo, captando tudo aquilo que nós outros não estamos aparelhados para apreender, terá que explorar as potencialidades da língua, buscando uma construção frasal que provoque significações várias (mas não gratuitas ou ocasionais), descortinando para o público uma paisagem até então obscurecida ou ignorada por completo. (SÁ, 1985, p. 10)

No entanto, se pararmos para pensar em toda essa carga que a crônica traz, surgem algumas indagações. Cabe, essencialmente, à Literatura, realizar esse trabalho de situar os sujeitos dentro de um período de espaço-tempo? Essa não seria uma atribuição do Jornalismo? E a História?

Para a professora Silvia Helena Simões Borelli (1996), a crônica une práticas tanto literárias quanto jornalística, que também fazem relação à divisão entre cultura erudita x cultura de massa. Borelli defende que ao narrarem os fatos, os cronistas acabam por rememorar as antigas tradições e matrizes culturais. “Na crônica, tradições e rupturas, articuladas, tornam-se visíveis e falam, pela voz do cronista, historiador, intérprete, contador de histórias na modernidade.” (BORELLI, 1996, p. 84).

A percepção de que o cronista pode ser enxergado enquanto historiador, intérprete e contador de histórias nos tempos modernos é o que, de fato, queremos apresentar no trabalho. Perceber essas potencialidades em um escritor que é capaz de encapsular as histórias e memórias em suas palavras é o ponto chave para defender a ideia de que a crônica não é um gênero menor.

### 3. História e Memória

Nossa pesquisa visa destrinchar o entendimento da preservação de uma memória histórica e social extraída das crônicas presentes nas obras analisadas, por isso, é de extrema importância tecer uma discussão a respeito do conceito de memória. “Consideramos que a memória é uma consciência latente do passado que é ativada por nossa consciência a partir do processo de evocação de lembranças.” (JUNQUEIRA; VIANA, 2020, p. 204).

É importante também situar o gênero dentro desse espaço que rememora aspectos culturais, arquitetônicos e tradicionais da nossa cidade, que passou e ainda passa por processos de modernização, “[...] Tomamos a crônica como um objeto particularmente rico, não só para a reconstrução das sensibilidades próprias dos homens de uma época dada, como, também, para exemplificação do cruzamento possível entre as leituras da história e da literatura”. (PESAVENTO, 1997, p. 29).

Ao longo do tempo, uma das funções que o jornal impresso guarda é a preservação dessa memória histórica, mas também social, uma vez que,

É possível acreditar que diversas dimensões temporais (presente/passado/futuro) encontram-se estampadas nas páginas dos jornais. O presente, apesar de sua efemeridade, revela-se como mais atuante tempo do jornal, já que este é feito para durar apenas um dia, ser logo descartado e substituído por outro. No entanto, acreditamos que o jornal é também um “lugar de memória”, construído para durar além daquele tempo rápido e vertiginoso. Interessa-nos saber como se revela esse aspecto que liga o jornal que é filho do presente ao passado, à história e à memória. [...] A perspectiva de duração alonga-se também para frente, quando compreendemos que seu conteúdo quer chamar atenção para o tempo futuro, através da tentativa de prevê-lo. É através desse tempo dialético e semiótico que podemos conceber e observar o jornal, através das crônicas, já que esses tempos se sobrepõem e se contaminam. (SANTOS, 2009)

Falamos de memória histórica, mas é importante ressaltar a importância da memória social, que auxilia muito a história dentro desse processo de construção de acervos. Em seu livro intitulado *A Memória Coletiva*, Maurice Halbwachs (1990), sociólogo francês defende que a memória social está relacionada à memória de um grupo ou comunidade, limitada no espaço-tempo. E é disso que tratamos: da memória construída nas palavras do cronista, que solidificam a memória histórica da cidade e ajudam a estruturar o imaginário da população.

Ainda tratando de memória coletiva, trazemos um termo cunhado por Yi-Fu Tuan (1980) que auxilia na nossa construção de sentido. Topofilia pode ser entendida de forma mais abrangente como “o vínculo sentimental e valorativo em relação aos lugares em geral, tanto meio ambiente natural quanto urbano, gerados pelas relações sociais e processo histórico de vida dos indivíduos”. (VIANA E JUNQUEIRA, 2020, p. 207)

A memória coletiva e social não é facilmente encontrada nos livros de história, justamente por ser construída por comunidades de pessoas comuns. Esse é um reconhecimento importante, pois transforma sujeitos comuns em autores de suas próprias histórias, construtores de suas próprias identidades e conhecedores de seu próprio espaço. Alguns mecanismos importantes para que essa modalidade seja propagada e preservada são a oralidade e a escrita.

A existência e preservação de pequenos periódicos de bairro e rádios comunitárias são fatores importantes para que se preserve essa memória coletiva. No nosso caso, Gonzaga Rodrigues é um jornalista que contribuiu, ao longo de sua carreira, com jornais importantes da cidade de João Pessoa. O ponto, neste caso, não é o veículo em que são publicados os textos, mas sim o conteúdo deles. Desde o início de sua carreira como jornalista, em 1950, Gonzaga Rodrigues fez de João Pessoa, em seus textos, sua principal protagonista.

#### 4. O cronista

Luiz Gonzaga Rodrigues é um jornalista e escritor paraibano. Nascido em Alagoa Nova, em 21 de julho de 1933, queria ser poeta. Aos 18 anos de idade, decidiu tentar a vida na capital da Paraíba.

Ao chegar a João Pessoa, Gonzaga prestou alguns serviços para o jornal *O Norte*. Depois, fez um concurso para revisor para trabalhar no jornal *A União*, onde se mantém até hoje com uma coluna de crônicas e opinião. A partir dessa experiência, ele começou a se aventurar pela escrita. Ao longo de sua carreira, o jornalista passou por cinco jornais locais.

Em seu discurso, ele faz sempre muita questão de citar nomes de amigos e colegas que estiveram presentes ao longo de sua caminhada. Muitas vezes, citando apenas o primeiro nome das pessoas, como se seus leitores conhecessem de perto cada um daqueles personagens, criando uma atmosfera de proximidade, de cidade interiorana.

Durante a sua carreira, publicou livros, muitos deles com crônicas e textos retirados dos jornais. É membro da Academia Paraibana de Letras, já recebeu o título de cidadão pessoense pela Câmara dos Vereadores da capital, além de receber também a medalha da cidade.

#### 5. Um gênio

Um gênio é uma das crônicas selecionadas para a composição deste trabalho. Como dito anteriormente, os textos foram retirados do livro *Notas do meu lugar*, publicado em 1978 pela editora Acauã. O texto retrata um momento da cidade em que estava sendo realizada uma reforma pelo então prefeito da capital, Hermano Augusto de Almeida no parque Solón de Lucena, a famosa Lagoa do centro da cidade.

Em dado momento do texto, o autor atribui ao prefeito, os méritos de grandes obras que auxiliaram no processo de modernização e mobilidade urbana da cidade, como é o caso da avenida do bairro de Cruz das Armas.

A entrega ao tráfego da nova avenida Cruz das Armas representa para o Sr. Hermano Almeida um mérito que outras administrações não souberam merecer. Toda a cidade estava a pedir esse serviço, não apenas pela sua utilidade a Cruz das Armas como, principalmente, pelo que a avenida representa para a imagem urbanística de João Pessoa. (RODRIGUES, 1978, p. 91).

Além dessa importante obra, o prefeito entregou também o asfaltamento de algumas outras avenidas importantes, dentre elas a Avenida Eptácio Pessoa. E a história consegue comprovar. Durante o seu mandato, que ocorreu de 1975 a 1979, foi consolidado o Código de Urbanismo de João Pessoa, consubstanciado na Lei Nº 2102/75- PMJP.

Toda a engenharia realizada pelo prefeito tinha a intenção de preservar o caráter de parque à Lagoa, interditando o anel interno para o tráfego de veículos.

Na administração municipal Hermano Almeida (1975-1979) foi elaborado um projeto de reurbanização e revitalização para este logradouro, por Serra Caldas & Polito Arquitetos Associados, que propunha torná-lo uma área de lazer em potencial. Seriam criadas diversas praças adequadas as funções a que se destinavam- entre elas a Praça de Apresentações Populares, Praça de Recreação Infantil, Praça do Anfiteatro; vias de pedestres, ciclovias; lanchonetes; instalações sanitárias; locais para jogos ao ar livre; etc; e ainda estacionamento para automóveis e abrigo para usuários de transporte coletivo. (MEMÓRIA JOÃO PESSOA, 2020).

Em dado momento do texto, começamos a perceber uma mudança no tom utilizado pelo autor ao se referir ao prefeito. Começa-se a entender que a crônica é uma crítica ao trabalho prestado pelo gestor e Gonzaga dava voz a população da capital, que criticava o projeto por acreditar que nem o próprio gestor tinha ciência de como ficaria o resultado da obra.

O autor apresenta a ideia de que quando uma obra é bem-feita pela gestão da prefeitura, ela passa a ser uma obra de todos, mas quando a intenção do gestor não é exitosa, fica sendo apenas “coisa do prefeito”.

Vê-se, portanto, que Hermano está estragando o principal com o acessório. Trocando a boa repercussão de obras como Cruz das Armas e Beira Rio pela má repercussão de um gelo baiano. No caso da Lagoa, não tenho nenhuma restrição ao que se vai fazer por lá. Só que não sei o que vão fazer. Nem eu, nem a comunidade, nem o prefeito. E ninguém pode se opor ao que não conhece, como nenhuma prefeitura do mundo pode fazer o que ela mesma não sabe. O que vão fazer da Lagoa? O prefeito não disse. A cidade não sabe. (RODRIGUES, 1978, p. 92)

O cenário que estava sendo desenhado era o de que a reforma iria causar um verdadeiro labirinto em volta da Lagoa, pois a obra não apresentava resultados claros para a população. Para exemplificar o sentimento popular, o autor apresenta um personagem de sua convivência, trazendo à tona sua característica de apresentar pessoas apenas com o primeiro nome, demonstrando o clima próximo e cordial da cidade, como se todos se conhecessem.

Deve ser, portanto, uma brincadeira, um exercício de inteligência da nossa arquitetura urbanística fazendo do trânsito e da cidade um engenhoso quebra-cabeça da Estrela. “Você entrando aqui, sai aonde?” “Onde sai é sempre uma surpresa. O major Francisco Leocádio, para ir da 1817 até a sua casa, na Getúlio Vargas, desce na Padro Meira, dobra na 13 de Maio, quebra o braço esquerdo na Pedro II, desce na Américo Falcão rumo à Lagoa, contorna à direita até pegar a Getúlio, passa em frente à sua casa, diz já chego às meninas e vai em frente, atravessa a Maximiano, faz o balão na primeira abertura da Adolfo Cirne, chega de novo à Maximiano, espera o sinal, retoma a Getúlio dobra na Coremas, contorna a Almirante, tudo isso pra chegar aonde já havia passado. Quando chega em casa é uma festa! Ninguém esperava que ele conseguisse acertar...

- Acertou, painho?!

- É um gênio! (RODRIGUES, 1978, 93)

Ao finalizar a leitura da crônica, percebemos que o autor estava sendo irônico desde o seu título, dando a entender que o adjetivo gênio estava sendo dado ao prefeito, pelo êxito das obras que ele começa citando, mas ao finalizarmos, percebemos que a palavra gênio estava sendo atribuída ao Major que conseguiu desvendar o grande labirinto que o prefeito criou com a obra.

Ao pesquisar notícias da época, percebemos que houve, de fato, um descontentamento popular devido à obra que se realizava na Lagoa.

Este gerou enormes polêmicas, uma vez que seria interditado oanel interno ao tráfego de veículos. Mesmo assim as obras foram iniciadas em janeiro de 1978 e se estenderam até o final da referida gestão, em março do ano seguinte, sem, no entanto, haverem sido concluídas. Contudo, o prefeito que o sucedeu além de não dar continuidade aos serviços ainda abriu a aludida via. (MEMÓRIA JOÃO PESSOA, 2020).

Com a finalização da leitura, percebemos que o texto foi capaz de situar o leitor dentro do espaço-tempo, trazendo notícias da época, apresentando a opinião de insatisfação popular, uma vez que a obra iria dificultar o tráfego de veículos individuais que, à época, aumentava gradativamente na cidade, e ainda carrega em sua linguagem o tom cômico e leve que o gênero em questão pede.

Podemos comprovar que o texto cumpre seu papel literário, entendendo que a crônica foi escrita para a expressão do pensamento do homem de acordo com o período histórico em que ele viveu. Neste caso, especificamente, esse era o pensamento de grande parcela da população pessoense.

## 6. Preservar

Preservar é uma crônica voltada, especificamente, para as questões relacionadas à preservação do patrimônio histórico e preservação da memória da cidade. Gonzaga reflete um desconforto muito grande com a forma como o poder público tratava as antigas construções localizadas no centro da cidade.

O que fazer com um ou outro prédio antigo, com algumas dezenas de quarteirões e, às vezes, com bairros inteiros, depois que o seu uso intensivo, durante anos começa a minar sua aparência e até seus próprios alicerces? Nada, a não ser demolir a área e reurbanizá-la para que possa receber novas construções. (RODRIGUES, 1978, p. 99).

O autor inicia o texto trazendo um trecho de uma reportagem da revista *Veja*, de nº 330, entre as páginas 66 e 67, que tratam das demolições de casas e prédios antigos. Ao longo da

crônica, Gonzaga volta a citar e trazer outros trechos da mesma matéria de revista, numa tentativa de discutir o tema, trazendo o respaldo de um veículo de grande nome para corroborar com o seu ponto de vista.

A apreciação ainda é a da revista: “Esta tem sido uma resposta frequente para prefeituras municipais e órgãos de reurbanização que se vêem às voltas com velhas casas senhoriais transformadas em cortiços ou antigos quartéis convertidos em mercados. Mas talvez não esteja aí a única saída” - propõe a Veja, acolhendo a opinião que começa a se generalizar entre os urbanistas. “As áreas deprimidas, geralmente situadas em locais representam seu núcleo antigo e o principal depósito de sua herança arquitetônica. Assim, pode ser que o mais sensato fosse preservá-las e a forma ideal de proceder nesses casos vem tomando corpo, por acaso, nos Estados Unidos”. (RODRIGUES, 1978, p. 100).

Essa preocupação com a preservação do patrimônio histórico tem suas primeiras menções durante a Semana de Arte Moderna, em 1922. “Em 1933, surge o primeiro órgão voltado para a preservação do patrimônio no Brasil, vinculado ao Museu Histórico Nacional. Era a Inspetoria de Monumentos Nacionais.” (G1, 2012). Porém, de maneira oficial, o órgão responsável por cuidar do patrimônio, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) só é criado no ano de 1937. O órgão “manifestou em documentos, iniciativas e projetos a importância da realização de ações educativas como estratégia de proteção e preservação do patrimônio sob sua responsabilidade.” (IPHAN, 2014).

A partir da criação do órgão, surge a política de tombamento, que nada mais é do que um “instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido, e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal”. (IPHAN, 2014).

Em âmbito federal, o tombamento foi instituído pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o primeiro instrumento legal de proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro e o primeiro das Américas, e cujos preceitos fundamentais se mantêm atuais e em uso até os nossos dias. De acordo com o Decreto, o Patrimônio Cultural é definido como um conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação é de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. São também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou criados pela indústria humana. (IPHAN, 2014).

Ainda discutindo sobre os excertos da matéria da revista, Gonzaga reflete sobre a prática de preservação que estava em voga nos Estados Unidos à época, e que a prática começava a ganhar alguns estados adeptos aqui no Brasil. “Em Curitiba e São Paulo, sobretudo, preservar em vez de demolir, começa a ser a palavra de ordem.” (RODRIGUES, 1978, p. 100)

A contextualização do texto dentro da capital paraibana começa a dar os seus primeiros sinais após essa breve apresentação de cenário do autor. A crítica recai sobre os bairros mais antigos da cidade, como Varadouro, Tambiá, Duque de Caxias, General Osório e Trincheiras, enaltecendo o autor a importância desses espaços para a história da cidade. “Antes de simples depósitos arquitetônicos, essas ruas e bairros falam pela cidade, representam a sua cultura, os seus modismos, as características peculiares que nos distinguem de outros centros e províncias.” (RODRIGUES, 1978, p. 100)

Gonzaga ainda faz uma descrição muito rica e pormenorizada de aspectos arquitetônicos das Trincheiras e Varadouro, na tentativa de ressaltar a importância de preservar esses aspectos culturais e que contam um pouco da história da cidade.

Trincheiras, com seu tipo uniforme de fachadas, suas janelas altas, seus frisos e traços arquitetônicos, conta mais sobre João Pessoa do que todos os nossos livros juntos. Os velhos armazéns de estiva localizados no Varadouro, valem como o registro de nascimento da cidade, da sua atividade comercial, contando uma história que começa em Lisboa e termina ancorada no antigo porto do Sanhauá. (RODRIGUES, 1978, p. 100).

Aqui, João Pessoa, mais uma vez, torna-se a grande protagonista do texto. Com esse trecho, o jornalista consegue mostrar que a cidade, por si só, com sua arquitetura, consegue contar a sua história, além de relembrar a história e período da colonização portuguesa com sua influência arquitetônica.

O trecho do autor pode ser comprovado pela tese de doutorado da professora Maria Berthilde Moura, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, que apresenta exatamente a construção da antiga Filipéia, repleta de influências portuguesas.

A cidade do século XVI, ainda hoje pode ser entendida tomando por referência a implantação de algumas dessas primeiras edificações. Mas se a arquitetura é entre as artes uma das mais duráveis, soma-se a ela o traçado urbano que também tende a ser perene. E no caso da Filipéia, a malha urbana se mantém como uma forte ‘memória’ da cidade, apesar de diversas retificações e alterações que sofreu ao longo dos anos. Por isso pode-se ter afirmativas como a seguinte: “E foi, justamente do lado ocidental da hoje denominada praça D. Ulrico que se começaram as primeiras edificações da cidade, tendo, no ponto mais elevado do terreno, se levantado a igreja matriz”. (MOURA FILHA, 2004, p. 182).

Além dos portugueses, os holandeses também estiveram presentes no nosso território. Isso também é uma das informações trazidas pelo autor no texto, o que, mais uma vez, corrobora com a ideia da crônica como grande contribuinte histórica. Gonzaga cita que “as mansões acasteladas de Tambiá, com seus telhados à holandesa, nasceram gratuitamente ou representam uma associação com outras culturas. (RODRIGUES, 1978, p. 101)

Em dado momento da crônica, o autor traça uma relação comparativa entre João Pessoa e São Luís, capital do Maranhão. “Vi em São Luiz as mulheres do meretrício lavando os azulejos portugueses das suas casas de pensão. Estou cansado de ver aqui, em João Pessoa, algumas pessoas gradas substituírem esses azulejos pela massa fina da moda.” (RODRIGUES, 1978, p. 101).

Esse excerto é muito rico e simbólico do ponto de vista histórico. Aqui, conseguimos perceber o exato momento da mudança na arquitetura da cidade, com a desvalorização e o desuso dos antigos azulejos pela massa corrida dos muros dos antigos casarões, demonstrando que o autor já estava muito à frente de seu tempo quando se preocupava com esses aspectos de preservação.

De acordo com informações cedidas pelo próprio IPHAN, àquela época, havia muitas construções localizadas no centro sem o tombamento. Essa informação traz a comprovação do momento histórico de mudança arquitetônica.

A história da cidade, se bem-vista por todos nós, está contada a partir do Varadouro, da colina das Neves, seguindo Trincheiras e Tambiá, Epitácio Pessoa, e agora, Bairro dos Estados e Tambaú. Cada bairro uma época, um estilo de vida, um compêndio que vale por tudo que já foi escrito. Preservar em vez de demolir, eis a sugestão. (RODRIGUES, 1978, p. 102).

A escolha do advérbio ‘agora’ por parte do autor demonstra o início da expansão e desenvolvimento da cidade no sentido do litoral. Na época, a orla da cidade de João Pessoa ainda não era muito povoada e o Bairro dos Estados era tido como um dos bairros mais nobres, reforçando, mais uma vez, o caráter histórico e extrapolando a ideia de cronista apenas enquanto narrador, uma vez que o autor critica e também descreve estes cenários.

## 7. Considerações finais

Selecionamos algumas crônicas presentes no livro *Notas do meu lugar* para exemplificar, de fato, a riqueza do gênero. Ao ler, conseguimos experienciar uma leitura deleite, ao mesmo tempo em que nos informamos e nos instruímos historicamente falando.

Indo contra o argumento que paira sob a crônica, entendemos que o texto não se configura enquanto um gênero menor, uma vez que ele consegue apresentar uma série de nuances que englobam diversas áreas das ciências humanas. Além disso, os textos nos permitem perceber que o papel do cronista, como dito em outros momentos do trabalho, vai muito além de um mero narrador. Há muito de críticas e descrições mais pormenorizadas dos ambientes e situações em que o autor estava inserido naquele determinado momento.

Percebemos a obra de Gonzaga Rodrigues como um grande acervo imaterial da história da cidade de João Pessoa, com um olhar mais específico sob a década de 1970 e os momentos de ruptura e desenvolvimento da capital, que o próprio texto já dava indícios.

Esse aspecto documental e memorialístico do autor, torna-se ainda mais evidente quando comparados a outros tipos de texto, como artigos e notícias de jornal. Assim como os cronistas da Idade Média, que registravam os fatos, usando os recursos jornalísticos e literários a fim de documentá-los, podemos também enxergar algumas crônicas contemporâneas, uma vez que, a partir de sua publicação, elas se tornam eternas e trazem essa serventia documental sempre que consultadas.

## 8. Referências

BENDER, Flora Christina; LAURITO, Ilka Brunhilde. **Crônica: história, teoria e prática**. São Paulo: Scipione, 1993.

BORELLI, S. H. S. **Ação, suspense e emoção: literatura e cultura de massa no Brasil**. São Paulo: Educ/Estação Liberdade, 1996.

GALVANI, Walter. **O prazer de ler jornal: da acta diurna ao blog**. UNISINOS, 2008.

G1. **Brasil começou a cuidar do seu patrimônio histórico há 75 anos**. Distrito Federal. Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/07/brasil-comecou-cuidardo-seu-patrimonio-historico-ha-75-anos.html>. Acesso em: 30 abr. 2021.

IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

JUNQUEIRA, I. A. A.; VIANA, N. S. A memória social através do jornal fundinho cultural: crônicas da cidade de Uberlândia. **Estudos de Sociologia**, v. 2, n. 24, p. 7–35, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/243415/33794#>. Acesso em: 9 mar. 2021.

MARTELOTTA, M. **Manual de linguística**. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MEMÓRIA JOÃO PESSOA. Disponível em: <http://memoriajoaopessoa.com.br/>. Acesso em: 30 abr. 2021.

MOURA FILHA, Maria Berthilde de Barros Lima. **De Filipéia à Paraíba: uma cidade na estratégia de colonização do Brasil séculos XVI-XVIII**. 2004.

PESAVENTO, S. J. **Crônica: a leitura sensível do tempo**. Anos 90, Porto Alegre, n. 7, p. 29-37, 14 jul. 1997.

RANKE, Maria da Conceição de Jesus; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **Breves considerações sobre fruição literária na escola**. **Revista do Curso de Mestrado em Ensino de Língua e Literatura** da UFT–nº, v. 3, p. 2, 2011.

RODRIGUES, G. **Notas do meu lugar**. 1. ed. João Pessoa: Acauã, 1978.

SÁ, J. de. **A Crônica**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 1985.

SANTOS, R. M. dos. **Usos da crônica no ensino de história: tempo e paisagem em Rachel de Queiroz**. In: XXVII Simpósio Nacional de História, Natal, p. 1-11, 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364423960\\_ARQUIVO\\_USOSDACRONICANOENSINODEHISTORIA.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364423960_ARQUIVO_USOSDACRONICANOENSINODEHISTORIA.pdf). Acesso em: 4 mar. 2021.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente**. São Paulo: Difel, 1980